

**AS CASAS DAS CASAS: NOS ROMANCES OS MAIAS
E A CIDADE E AS SERRAS DE EÇA DE QUEIRÓS***

KAROLINA VÁLOVÁ

Universidade Carolina de Praga

**HOUSES OF THE HOUSES IN *THE MAIAS* AND *THE CITY
AND THE MOUNTAINS* BY EÇA DE QUEIRÓS**

Eça de Queirós, a leading figure of Portuguese Realism, depicted in his two novels *The Maias* and *The City and the Mountains* the relation of the last members of distinguished families to their mansions. Picturing the houses, he analyses and criticizes the society of that time. Carlos Eduardo, the protagonist of the first novel, reconstructs and furnishes a house in Lisbon so that it corresponds with his position as a member of high society (he is an intellectual and a physician). The house, being a reflection of the Portuguese elite, slowly starts to decay and its existence is endangered. Jacinto, the protagonist of the second novel, lives in a luxurious palace in Paris. He conceives his house as a project and gathers in it all inventions of his time. However, the technical conveniences rather complicate the tenants' lives. For family reasons, Jacinto travels to a dilapidated mansion house in the backward Portuguese countryside. The second project of a house, in harmony with nature, is more successful and represents a way out for European society tired by its "civilization".

Key words: Eça de Queirós, Realism, Naturalism, house, dynasty, society, civilization

Palavras-chave: Eça de Queirós, Realismo, Naturalismo, casa, dinastia, sociedade, civilização

A palavra "casa" é uma palavra polissémica na língua portuguesa. Significa qualquer edifício com quatro paredes e um telhado, sendo um espaço rigorosamente demarcado. Designa primeiramente um lar onde as pessoas sentem privacidade e proteção. A palavra casa pode também representar a dinastia ou a raça. Pode ainda significar um lugar comercial tal como uma loja ou um armazém.

Na imaginação humana a casa funciona como um "ninho", como um princípio de integração de pensamentos, lembranças e sonhos. Costuma ser um espaço essencial da maioria das obras de ficção. Apresenta-se como um palco de histórias íntimas onde figu-

* Este artigo faz parte do projeto GAČR 14-01821S *Pokus o renesanci Západu. Literární a duchovní východiska na přelomu 19. a 20. století.*

ram móveis e objetos pessoais. Podendo ser um lar, um abrigo, um refúgio provisório, a casa pode ser, pelo contrário, também uma prisão. Na literatura a casa pode funcionar como um contraste estático de uma personagem. Pode refletir o carácter da personagem ou enfatizar uma contradição entre o espaço e a personagem que o habita.

É desde o Realismo que a palavra casa ganha um estatuto especial no romance, podendo funcionar como metonímia da sociedade, do país ou do mundo. Por exemplo na obra de um dos pioneiros do Realismo literário europeu, Honoré de Balzac, encontramos inúmeras casas, cujos retratos pormenorizados ajudam a ilustrar as características de todas as camadas da sociedade francesa da época. A descrição da casa é uma informação condensada sobre os habitantes e constitui uma parte importante da “comédia humana”. Zdeněk Hrbata, crítico literário checo, refere que “as casas reais”¹ de Balzac tornam-se “mais que reais” no desdobrar da história do romance. As descrições detalhadas das casas não copiam simplesmente o resultado da observação – a visão não só mimetiza como também cria uma realidade mais intensa e extraordinária. “Nas fachadas das casas [...] está, segundo Balzac, inscrita não somente a história inteira da França, senão também a melancolia, palidez, frigidez e mudez.”²

A casa na literatura portuguesa

Na literatura portuguesa o tema da casa aparece com frequência, especialmente no século XX. Na primeira metade deste século, durante o período da censura e opressão parece existir uma tendência para retratar a casa ocultamente retratando a situação do País. Nos anos após a Revolução dos Cravos de 1974 surge a temática da casa como modelo da convivência problemática das gerações “antes e pós-Abril”. A época democrática tende a mostrar a casa como um lugar impessoal onde homens e mulheres se cruzam sem poder comunicar convenientemente.

Podemos reconhecer diversas correntes na temática desta época. “Os regressos à casa natal” aparecem em *Finisterra, paisagem e povoamento* (1978) de Carlos de Oliveira, em *Para Sempre* (1983) de Vergílio Ferreira ou em *Fado Alexandrino* (1983) de António Lobo Antunes. “Casas dos mundos paralelos”, onde os habitantes não conseguem comunicar uns com outros, estão patentes nos romances *O Silêncio* (1981) de Teolinda Gersão, *O Jardim sem Limites* (1995) de Lídia Jorge ou *Nas Tuas Mãos* (1997) de Inês Pedrosa.

Pode-se considerar ainda uma corrente “A casa da Casa” ou “A tragédia da residência da dinastia”. Na maioria dos casos as novelas dessa categoria contam a história do último herdeiro de uma família excepcional. Da antiga glória e riqueza da família resta a casa, geralmente em ruínas, onde aparecem os fantasmas (metafóricos ou reais) dos antepassados. Os últimos membros da família testemunham a morte ou queda dos seus descendentes, simbolizam o esfacelamento de uma época ultrapassada, fim do antigo sistema socioeconómico.

¹ Cf. Hrbata, Zdeněk. “Prostory, místa a jejich konfigurace v literárním díle”. In Červenka, Miroslav et al. *Na cestě ke smyslu: poetika literárního díla 20. století*. Praha : Torst, 2005, p. 335.

² “Do fasád domů [...] se podle Balzaka vepsaly nejen celé francouzské dějiny, ale i melancholie, bleďost, chladnost a mlčenlivost...” Op. cit., p. 335.

Em Portugal esta temática surge substancialmente representada na obra de Carlos de Oliveira, especialmente em *A Casa na Duna* (1943) e *Uma Abelha na Chuva* (1953). Outra obra relevante que consagra este mesmo conteúdo é *O Delfim* (1968) da autoria de José Cardoso Pires que descreve a história dum “infante” moderno. Uma variante reversa contemporânea do último elemento de uma família sem descendentes, representado por uma mulher jovem, aparece no livro *O Vento Assobiando nas Gruas* (2002) de Lídia Jorge.

Procurando os antecedentes da linha “A casa da Casa” podemos voltar a nossa atenção a *Os Maias* (1888) e *A Cidade e as Serras* (1901) de Eça de Queirós. Em ambos os romances encontramos o último membro de uma dinastia antiga e observamos, entre outros, a sua relação com a residência familiar.

O Ramalhete

O romance *Os Maias* é uma obra de destaque da segunda fase da obra do autor, iniciada nos anos setenta. Neste período Eça participa do programa da reforma realista e naturalista da literatura portuguesa e concentra-se na problemática da análise da sociedade. A sua ideia mestra, influenciada pelo pensamento determinista e inspirada pela obra de Zola ou Flaubert, foi criar um vasto ciclo de prosas que dessem uma vista panorâmica da vida em Portugal. “Eça chegou a projectar e a estruturar umas Cenas da Vida Real [...], como conjunto de novelas capazes de retratarem a vida contemporânea e os seus tipos mais destacados, com um claro propósito reformista.”³ O resultado foi uma trilogia de “Cenas portuguesas” composta pelos romances *O Crime do Padre Amaro* de 1875, *O Primo Basílio* de 1878, e *Os Maias*.

N’*Os Maias* Eça critica sobretudo a futilidade e o falso moralismo da alta sociedade lisboeta. “*Os Maias* é um romance sobre a decadência, a história simbólica da ruína de uma família que, a seu modo, na sucessão das suas gerações desde o antigo regime até ao Portugal contemporâneo de Eça, representa o destino e até os períodos da história de um país...”⁴

Logo no início do livro os Maias são apresentados como “uma antiga família da Beira, sempre pouco numerosa, sem linhas colaterais, sem parentelas”⁵. É uma família nobre, extremamente ligada aos destinos de Portugal. Da família restam só dois membros: o neto, Carlos Eduardo, e o avô, Afonso da Maia.

A história inicia-se em 1875 quando Carlos, depois de terminar o curso de Medicina em Coimbra, chega a Lisboa para lá abrir um consultório. O velho Afonso decide deixar a sua quinta Santa Olávia nas margens do Douro no norte do país e acompanhar o neto para Lisboa. Vivem juntos na casa chamada Ramalhete, única casa que os Maias possuem em Lisboa naquela época. O nome da casa provem de um painel de azulejos representando um grande ramo de girassóis. No lugar heráldico do Escudo das Armas nunca

³ Reis, Carlos. “Eça de Queirós e o discurso da História”. In *Estudos queirosianos. Ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra*. Lisboa : Editorial Presença, 1999, p. 106.

⁴ Medina, João. *Eça de Queiroz e a geração de 70*. Lisboa : Moraes Editores, 1980, p. 73.

⁵ Queirós, Eça de. *Os Maias*. Porto : Porto Editora, 2012, p. 6.

Nas outras notas de rodapé utilizaremos para esse romance a abreviatura de OM.

havia sido o brasão dos Maias, possivelmente porque a casa nunca havia sido considerada adequada para uma residência oficial da família.

No passado o Ramalhete havia estado desabitado durante vários anos e servira apenas para guardar as mobílias de outros edifícios vendidos, funcionando como uma espécie de museu desarrumado. Nem Afonso nem Carlos lá tinham vivido, pelo que ambos se mudam para uma casa desconhecida com a qual não têm qualquer ligação seja de memórias, experiências ou emoções. O primeiro contato com o edifício foi um choque, devido ao aspeto triste, lembrando antes uma residência eclesiástica ou um colégio de jesuítas. “Apesar deste fresco nome de vivenda campestre, o Ramalhete, [foi um] sombrio casarão de paredes severas... com teias de aranha... cobrindo-se de tons de ruína... com um pobre quintal inculto...”⁶ O administrador dos Maias, o Vilaça, chama o Ramalhete um “inútil pardieiro”.

A casa como um acessório

Durante as preparações para a estadia, Afonso quis só renovar, arrumar e decorar o Ramalhete. Para ele, limpar a casa significa também um processo mental de “limpar” a dinastia das sombras do passado. Os desdouros a ocultar são sobretudo o casamento do seu filho Pedro (pai de Carlos) com a filha dum negreiro e o posterior suicídio de Pedro após a fuga da sua mulher e filha. Afonso põe as esperanças no neto, a quem deu uma educação liberal (tão oposta à portuguesa) com um professor inglês. O avô apoiava Carlos desde a infância: “Educo-o para ser útil ao seu país.”⁷

Mas as mudanças feitas no Ramalhete não foram suficientes para Carlos, ele decidiu proceder a uma remodelação completa. Com a ajuda de um famoso arquiteto-decorador londrino ele quis criar, seguindo a sua formação britânica, “um interior confortável, de luxo inteligente e sóbrio”⁸. Carlos precisava de uma casa que suscitasse uma boa impressão e correspondesse ao seu pretendido estilo de vida de um médico sério e de bom êxito, que tencionava chegar ao ponto de reformar as práticas medicinais em Portugal. A fase da instalação no Ramalhete é o verdadeiro início em todos os aspetos de vida lisboeta, da carreira profissional e da nova posição social. Carlos esperava que a estadia na casa renovada lhe trouxesse uma vida feliz, apesar de Vilaça mencionar que também Carlos “por fim aludia mesmo a uma lenda, segundo a qual eram sempre fatais aos Maias as paredes do Ramalhete”⁹.

Carlos Reis, um especialista em estudos queirosianos, analisa o “espaço físico”¹⁰ de Ramalhete. Menciona sobretudo a acumulação de objetos antigos e decorativos de arte nos quais Carlos projeta a sua relação controversa com os seus pais. Reis menciona, nesse contexto, uma percepção de Jean Baudrillard de que “o gosto do antigo é característico do desejo de transcender a dimensão do sucesso económico [...] e social ou uma posição

⁶ OM, pp. 5–6.

⁷ *Ibidem*, p. 88.

⁸ *Ibidem*, p. 9.

⁹ *Ibidem*, p. 7.

¹⁰ Além do espaço físico ele distingue o espaço social e o espaço psicológico.

Cf. Reis, Carlos. *Introdução à leitura d’Os Maias*. Coimbra : Livraria Almedina, 1988.

privilegiada. O antigo representa, entre outras coisas, o sucesso social que procura uma legitimidade, uma hereditariedade, uma sanção nobre”¹¹.

Ramalhete tem a função de um acessório de um dândi, das suas belas ideias para o futuro, do início da carreira promissora, da sua aparência e do vestuário. Combina bem com o seu luxuoso consultório em pleno Rossio. Mas tanto o dandismo de Carlos quanto o seu entusiasmo pelas ideias europeias novas parecem estranhos no limitado meio social lisboeta e ele torna-se suspeito para os pacientes. Um bom exemplo do certo desequilíbrio da personagem de Carlos é o interior dos seus quartos que têm os recostos acolchoados e as paredes forradas com seda. Segundo procurador Vilaça não são “apontamentos de médico – mas de dançarina”¹².

Com falta de pacientes, Carlos passa os dias aborrecido sem nada para fazer. Despende imenso tempo em jantares, bailes, visitas de teatro e debates intermináveis com os companheiros. Tudo parece mudar quando se apaixona por Maria, uma mulher misteriosa. Infelizmente Carlos descobre que a sua amante Maria é Maria Eduarda, filha de Pedro da Maia e a irmã dele.

A casa como símbolo da classe social

Dez anos depois de terminada a relação com Maria e depois da morte do avô, Carlos visita outra vez o Ramalhete. A descrição do interior mais uma vez espelha a alma de Carlos (e a situação de Portugal da época). A casa já não parece um lar nem a residência “chique”, mas torna-se novamente um museu de coisas inúteis. Na maior sala do Ramalhete os objetos são empilhados “na confusão das artes e dos séculos, como num armazém de bricabraque”¹³. A maior parte das peças decorativas, tapetes, faianças e estátuas é embrulhada para ser despachada para Paris. Os móveis estão “embrulhados em lençóis de algodão, como amortalhados”¹⁴. As memórias que Carlos tem de dois anos da estadia no Ramalhete parecem misturadas no chão com um lixo, com os restos das coisas de Maria Eduarda ou com uma velha chinela de Afonso da Maia. Tudo dá uma impressão do fim, do estrago e da perda. “E no chão, na tela de Constable, encostada à parede, a condessa de Runa [...] parecia dar um passo, sair do caixilho dourado, para partir também, consumir a dispersão da sua raça...”¹⁵

Para Carlos essa visita é uma oportunidade de prestar as contas da sua vida, percebe que completamente falhou na vida. Com diploma da melhor universidade do país não conseguiu realizar os planos da carreira profissional, nem mudar a vida pública ou harmonizar a sua vida familiar. O fracasso culmina na sua paixão incestuosa pela irmã e a responsabilidade indireta pela morte do avô. João Medina caracteriza Carlos como um dileitante. “Dileitante, afinal sem verdadeiro talento, vitimado por uma educação à inglesa e amante egoísta...”¹⁶

¹¹ Ibidem, p. 55.

¹² OM, pp. 9–10.

¹³ Ibidem, p. 708.

¹⁴ Ibidem, p. 707.

¹⁵ Ibidem, p. 707.

¹⁶ Medina, João, *Eça de Queiroz e a geração de 70*, p. 84.

A crítica da situação do protagonista é ao mesmo tempo a crítica da situação de uma parte importantíssima da sociedade, das castas dirigentes da aristocracia e da burguesia que falham em todos os níveis da vida, que dilapidam o seu talento e os seus jeitos em futilidades. “*Os Maias* é a história detalhada e amarga dum fracasso, [...] portanto de uma geração e, *a fortiori*, dum país.”¹⁷

Nem Lisboa nem Portugal são lugares para a vida nova de Carlos que quer morar em Paris. “Paris era o único lugar da Terra congénere com o tipo definitivo em que ele se fixara: o homem rico que vive bem.”¹⁸ Carlos não tem filhos e é o último membro da família¹⁹. A sua ligação com Portugal é para sempre interrompida. O fim da dinastia corresponde ao fim da casa, Ramalhete que, vista da rua, parece um “sombrio casarão, [...] mudo, para sempre desabitado, cobrindo-se já de tons de ruína”²⁰.

Nº202 – a casa como materialização da civilização

O romance *A Cidade e as Serras*²¹ foi publicado em 1901, um ano após a morte de Eça de Queirós. O tema principal do livro é a oposição entre a cidade e o campo, entre a civilização e a barbárie. Inicia-se com um enorme entusiasmo pelas teorias do positivismo e termina com uma crítica ao falso pressuposto de que a civilização europeia é superior àquela do resto do mundo.

Jacinto, o protagonista do romance, é o último membro de uma “velha família agrícola que já entulhava o grão e plantava cepa em tempos de el-rei D. Dinis”²². A família possui vastas terras em Portugal. O avô de Jacinto, “D. Galião” partiu para o exílio francês e em Paris comprou um palacete nos Campos Elísios, nº202 onde se instalou com a sua mulher e o filho. O palacete foi adquirido de maneira irrefletida, sem escolher e sem qualquer intenção para além a de abrigar a sua família. Porém torna-se a residência familiar oficial e Jacinto Galião lá passou o resto da vida. “E sob o pesado ouro dos seus estuques, entre as suas ramalhudas sedas se enconchou, descansado de tantas agitações, numa vida de pachorra, e de boa mesa, com alguns companheiros de emigração...”²³ Criou lá um pequeno Portugal, sem qualquer interesse por França e pelos franceses. O seu neto e herdeiro Jacinto é o primeiro da dinastia que nasceu em França. Além da língua não sabe nada de Portugal, é um francês lusodescendente. Jacinto, chamado pelos amigos o “Príncipe da Grão-Ventura”, está encantado por Paris, pelo seu ritmo e pela constante

¹⁷ Ibidem, p. 84.

¹⁸ OM, p. 713.

¹⁹ Sua irmã, Maria Eduarda, casa-se em segundas núpcias e mora numa quinta ao pé de Orléans. Ela e a sua filha Rosa tornam-se mulheres francesas de nome assim como de costumes.

²⁰ OM, p. 714.

²¹ Em *A Cidade e as Serras*, a personagem principal, deixa a vida luxuosa em Paris e volta para o solar rural português, em Tormes, onde se apaixona pelo ambiente e pela simplicidade da vida local. Parece que na fase final da sua obra, o escritor reconcilia-se com a sua pátria. O romance pode ser interpretado também como um elogio à terra natal. Está fora de dúvida a influência da prolongada estadia de Eça na capital francesa, onde desde 1888 exerceu o cargo de cônsul e onde chegou a falecer em 1900.

²² Queirós, Eça de. *A Cidade e as Serras*. Alfragide: Leya, 2010, p. 5.

Nas outras notas de rodapé vou utilizar para esse romance a abreviatura de CS.

²³ CS, p. 7.

agitação. Paris no fim do século XIX é considerada o centro do mundo ocidental, da cultura, e do progresso.

Jacinto concebera a ideia de que “o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado”²⁴. Segundo essa teoria é necessário multiplicar a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados no mundo. Na sua maravilhosa mansão Jacinto começa a acumular objetos, nomeadamente os inventos. No “palacete do sofisticado luxo”²⁵ queria concentrar toda a civilização debaixo de um telhado, diminuindo a influência da natureza no ser humano. A imagem de Jacinto, um dândi com uma flor artificial na lapela, corresponde bem à impressão impessoal que confere à sua casa, com o nome reduzido a um número. No prédio de um andar Jacinto tem um elevador, climatização a vapor, abotoadores de ceroulas, um relógio com o horário de todas as capitais do mundo e a órbita dos planetas... A casa está cheia de objetos inúteis que ninguém necessita, assemelhando-se mais a um museu de técnica ou um armazém do que a um apartamento luxuoso. O amigo de Jacinto, Zé Fernandes, refere-se ao palacete como a um “majestoso armazém dos produtos do Raciocínio e da Imaginação”²⁶.

A mansão de tantos aparelhos chega a parecer um organismo robótico com uma vida própria. É algo que deixa Zé Fernandes, um homem vindo das serras portuguesas, ao mesmo tempo maravilhado e assustado. “E os pedaços de soalho levantado mostravam tristemente, como num cadáver aberto, todos os interiores do 202, a ossatura, os sensíveis nervos de arame, os negros intestinos de ferro fundido.”²⁷ O crítico da cidade e admirador da vida campestre, Zé Fernandes representa, como a voz principal do romance, “o outro – outra visão das coisas”²⁸.

Na maioria dos casos os objetos supra-civilizados não funcionam de forma adequada. Avariavam-se frequentemente e até se tornam perigosos. Os inventos comprados deviam tornar a vida mais fácil, estabelecendo de um modo mais seguro “o domínio do homem sobre a Substância”²⁹. A imensidade das coisas deveria melhorar a vida dos seus utentes mas, pelo contrário, torna-a mais difícil. Uma pessoa “civilizada” torna-se cada vez mais incompetente.

No entanto Jacinto, desesperado com tantos desastres humilhadores – as torneiras que des-soldavam, os elevadores que emperravam, o Vapor que se encolhia, a Electricidade que se sumia, decidiu valorosamente vencer as resistências finais da Matéria e da Força por novas e mais poderosas acumulações de Mecanismos.³⁰

Jacinto, junto com toda a mecânica, procura acumular toda a erudição. Uma enorme biblioteca contém mais que trinta mil volumes os quais ninguém lê. Com o correr do tempo o número dos livros vai aumentando e começando a incomodar os habitantes. Uma verdadeira invasão dos livros reduz o espaço para viver, limita o comportamento das pessoas e nas janelas impede a entrada da corrente do ar e da luz.

²⁴ Idem, p. 10.

²⁵ Reis, Carlos. *Eça de Queirós*, p. 118.

²⁶ CS, p. 23.

²⁷ Idem, p. 63.

²⁸ Cf. Reis, Carlos. *Eça de Queirós*, p. 49.

²⁹ CS, p. 64.

³⁰ Idem, p. 63.

[Os livros] solitários, aos pares, em pacotes, dentro de caixas, franzinos, gordos e repletos de autoridade, envoltos em plebeia capa amarela ou revestidos de marroquim e ouro, perpetuamente, torrencialmente, invadiam por todas as largas portas a Biblioteca, onde se estiravam sobre o tapete, se repimpavam nas cadeiras macias, se entronizavam em cima das mesas robustas, e sobretudo trepavam contra as janelas, em sôfregas pilhas, como se sufocados pela sua própria multidão, procurassem com ânsia espaço e ar!³¹

Cinco anos depois da partida de Jacinto, Zé Fernandes volta a visitar o 202. Encontra lá só um porteiro. O edifício, ainda cheio de todos os aparelhos da tecnologia avançada, é desabitado. “...só a Mecânica suntuosa [...] de uma frieza inerte, na inactividade definitiva das coisas desuadas, como já dispostas num Museu, para exemplificar a instrumentação caduca de um mundo passado.”³² Os objetos que não se utilizam parecem “o lixo histórico”³³.

Tormes – a casa como salvação

Em certo momento, Jacinto recebe uma carta noticiando que o túmulo onde estavam enterrados os avós e outros familiares havia desmoronado. Jacinto está cada vez mais cansado da vida, sente fatura de Paris com o seu Parisianismo. Primeiro ordena a construção do novo túmulo, depois decidindo viajar a Tormes em Portugal.

A casa onde Jacinto se instala é, em todos os aspectos, o oposto do 202. É um edifício de pedra do século XV, situado em pleno campo. Para Jacinto, a primeira impressão do interior é um horror, a casa lhe parece completamente inabitável. Os muros são enegrecidos pelo tempo, regelados e desoladamente nus, há burracos no telhado e nas janelas faltam as vidraças. Nas salas dos Jacintos ninguém vive, utilizadas que são para secar o milho.

Mas Jacinto está encantado com a serra, com o cheiro fresco de horta e uma vista maravilhosa das janelas. Depois da primeira noite, quase debaixo das estrelas, Jacinto decide instalar-se definitivamente em Tormes. Tem o desejo de renovar a residência familiar, esta vez prescindindo dos inventos modernos. Dá-se conta de que está definitivamente enfastiado de Paris e passa a acreditar na vida simples e rústica, valorizando a distância da civilização. Percebe que para ser feliz não basta ser determinado e pertencer à elite, tudo acontece através do esforço e da ação humanos.

A estadia em Tormes é uma boa oportunidade para recomeçar a sua vida a partir do “zero”. Tormes é a segunda “casa-projeto” para Jacinto. O primeiro projeto do palacete nº202 fracassou, a casa de tão desagradável para viver quase expulsou os habitantes. O solar próspero de Tormes abriga a nova família de Jacinto e recebe o nome de “castelo da grã-ventura”.

³¹ Idem, p. 64.

³² Idem, p. 227.

³³ Idem, p. 227.

As paredes fatais

As paredes das residências familiares tornam-se fatais para os protagonistas. Ambos, Carlos Eduardo e Jacinto, últimos membros masculinos das suas dinastias, chegam a habitar casas antes desconhecidas. A casa lisboeta chamada Ramalhete é renovada de forma a corresponder com o aspecto e estilo de vida moderno do protagonista. O solar de Tormes é uma ruína rural que muda definitivamente as opiniões sobre a vida da personagem principal. Através dessas casas, seguindo o método realista, Eça de Queirós retrata, analisa e critica as sociedades da sua época – a lisboeta, em particular, e a europeia em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Queirós, Eça de. *A Cidade e as Serras*. Alfragide : Leya, 2010.
- Queirós, Eça de. *Os Maias*. Porto : Porto Editora, 2012.
- Hrbata, Zdeněk. “Prostory, místa a jejich konfigurace v literárním díle”. In Červenka, Miroslav et al. *Na cestě ke smyslu: poetika literárního díla 20. století*. Praha : Torst, 2005.
- Medina, João. *Eça de Queiroz e a geração de 70*. Lisboa : Moraes Editores, 1980.
- Reis, Carlos. “Eça de Queirós e o discurso da História”. In *Estudos queirosianos. Ensaios sobre Eça de Queirós e a sua obra*. Lisboa : Editorial Presença, 1999.
- Reis, Carlos. *Eça de Queirós*, Lisboa : Edições 70, 2009.
- Reis, Carlos. *Introdução à leitura d’Os Maias*. Coimbra : Livraria Almedina, 1988.

Karolína Válová
Aluna de doutorado
Faculdade de Letras
Universidade Carolina de Praga
karolinka.v@ff.cuni.cz